

Arrogância e corrupção: reflexões sobre as heranças coloniais do Brasil

Luciana Marchetti Torrano^[1]

RESUMO: Partindo dos textos sociais de Freud, neste artigo são oferecidas reflexões sobre a herança colonial do Brasil – desde a chegada das primeiras expedições marítimas portuguesas – enquanto propulsora da corrupção nas esferas públicas governamentais como uma cultura ancestral. Sigmund Freud aponta que a crueldade é constitutiva do ser humano e está associada à prevalência da pulsão de morte, e que a violência social tem as formas de dominação como pano de fundo. Nesse contexto, podemos incluir a crueldade na perspectiva sociológica, que implica a emergência de violências sociais sem qualquer motivo aparente. Esse dispositivo de desigualdade e dominação faz sofrer os povos originários e as camadas sociais mais desprivilegiadas. A perversidade, expressa em forma de arrogância, opera numa ordem em que alguns seres humanos acreditam que merecem viver com mais conforto, saúde e segurança do que outros. Esse funcionamento perverso alimenta a parte mais triste e horrorosa da história da humanidade, marcada por genocídios e negligências que se repetem por serem sintomas estruturais do mecanismo social.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise social, corrupção, arrogância, crueldade, colonialismo

1. Psicóloga. Doutora em psicologia. Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP), membro da Comissão de Casal e Família da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) e da International Psychoanalytical Association (IPA).

Do alto da arrogância qualquer homem
 Se imagina muito mais do que consegue ser
 É que vendo lá de cima, ilusão que lhe domina
 Diz que pode muito antes de querer
 Querer não é questão, não justifica o fim
 Pra quê complicação, é simples assim

– Lenine, “Simples assim”

A primeira relação do ser humano com a cultura ocorre em sua própria concepção, o rompimento da membrana protetora do óvulo (célula somática feminina) pela cabeça do espermatozoide (célula somática masculina), transformando a união em embrião. O embrião, em potencial o futuro novo ser humano, é fruto de uma relação desejante entre o casal parental. Para se tornar humano e constituir sua identidade, ele se transforma a partir das inúmeras interações na relação com sua mãe, com o seio, com o alimento, com as privações, com o cuidado e com as sensações, que depois serão os alicerces para a construção dos limites e contornos necessários para que ele seja incluído na cultura e na sociedade, aprendendo as normas e a língua. É assim que as relações das gerações dos antepassados são transmitidas às atuais; desta forma, a contemporaneidade sempre carrega em si seus ancestrais (Kaës, 2001).

Somos seres gregários, isto é, nossa língua, nossos valores, nossa ciência são constituídos para participarmos de nosso grupo social e para compormos nosso coletivo. As exigências da cultura, para organizar e regulamentar a vida em comunidade, impõem-nos renúncias de prazeres e nos protegem dos impulsos que visam apenas ao bem pessoal, colocando em risco o equilíbrio da sociedade à qual pertencemos.

Sigmund Freud (1930/2010), em sua obra *O mal-estar na civilização*, aponta que a cultura seria a soma das realizações e disposições que orientam nossa vida, e que amplia nossas condições de estar no mundo em relação aos nossos antepassados, sempre colecionando novos saberes e abandonando alguns outros que se tornaram obsoletos. O homem contemporâneo, em equilíbrio entre seus interesses individuais e as responsabilidades sociais, deveria ter renunciado à satisfação egoísta, em favor da proteção e segurança do coletivo. No entanto, a pulsão de morte propulsora de destruição e ódio, quando prepondera, causa as destruições e o sofrimento da desordem e das guerras.

Indica também que experiências sociais como as negligências e o sofrimento dos mais vulneráveis nos levam à investigação sobre a herança psíquica geracional que está presente na obra de Freud desde seus estudos iniciais (1894), tanto quanto à formação dos sintomas individuais como na constituição do Eu (1930) e na cultura (Pina, 2021).

Sigmund Freud aponta que a crueldade é constitutiva do ser humano, está associada diretamente ao equilíbrio entre as pulsões de vida e de morte, e a violência nas sociedades tem as formas da dominação como pano de fundo. Nesse contexto, podemos incluir a crueldade na perspectiva sociológica, que implica a emergência

de violências sociais sem qualquer motivo aparente (Barreira, 2015). Nesse âmbito da crueldade, podemos sublinhar a ocorrência dos genocídios promovidos por guerras, pelo sadismo e por violências sociais que escancaram os sintomas do mal-estar social provocados pela superioridade de alguns homens que assassinam outros mais fracos.

Considerando o legado da nossa história das civilizações ocidentais, vale lembrar que as caravelas dos navegantes portugueses, convencidos de que a Terra era redonda, traçaram sua jornada às Índias para negociar especiarias e tecidos. Nosso país estava no meio do caminho, dotado de outras belezas e abundâncias naturais, e as caravelas atracaram em terras tupiniquins. Metaforicamente podemos dizer que os portugueses tropeçaram no Brasil. Esse acaso perdura há séculos e traçou destinos coloniais que ainda vivemos, muitas vezes sem nos dar conta, com a atitude de superioridade e de diferenças de tratamento entre os mais abastados e a imensa maioria da população pobre e desprivilegiada. Tais heranças coloniais são o cimento de nossa sociedade, são repetidas de forma inconsciente e, por serem há séculos estruturantes de um modo de viver e de pensar, precisam ser lembradas, identificadas e nomeadas (Torrano, 2023).

O Brasil do século XXI carrega os traços marcantes do colonialismo, da escravidão de negros e indígenas, da exploração das florestas. Memórias de séculos de viagens marítimas transcontinentais que levaram do Brasil riquezas naturais para enriquecer a nobreza de Portugal e, em troca, trouxeram o massacre de povos originários, a escravidão dos negros e a violação e abuso dos corpos femininos. O país conquistado sofre com as heranças desde essa época, pois ainda possui desigualdades sociais, raciais e de gênero marcantes, mesmo que tenha se tornado independente de seu colonizador há mais de 200 anos. Segundo Grada Kilomba (2019), “o colonialismo é uma ferida que nunca foi tratada, que dói sempre, por vezes infecta, e outras sangra” (p. 29).

Por sua vez, Ailton Krenak (2019), indígena e ativista, afirma que a ideia de que os brancos europeus podiam colonizar o resto do mundo estava sustentada pela premissa de que havia uma humanidade obscurecida ou ignorante que precisava ser esclarecida ou ensinada sobre como viver. O colonizador havia então trazido a luz para um povo pagão e primitivo. A colonização é pautada em uma verdade segundo a qual existem humanos que sabem o jeito certo de estar na Terra e outros que precisam ser corrigidos. A catequização dos povos originários e dos africanos pelos jesuítas demonizou – como se houvesse uma única religião correta e fossem as outras equivocadas – as crenças ancestrais sagradas desses povos, construídas por saberes colecionados por gerações que se referem a uma experiência de observação do mundo, da natureza, e à relação com o sagrado e com a fé. Tais premissas marcaram, não só no Brasil Colônia, mas em muitos outros territórios conquistados, as formas horrorosas por meio das quais os seres humanos destruíram e mataram uns aos outros, como no caso dos genocídios.

A dor de um povo colonizado está nas experiências dos escândalos de corrupção em todas as esferas da administração pública. É uma dor sintomática, que tem uma

causa cíclica e repetitiva: as camadas de poder que utilizam suas potências de maneira desviadas e fazem sofrer a população, principalmente os mais vulneráveis. Inversa ao ideal do herói mítico inglês Robin Hood, imortalizado como o príncipe dos ladrões, roubando da nobreza para oferecer aos pobres e famintos, a experiência tupiniquim de corrupção criou uma lógica de abastecer o bolso dos ricos e privilegiados, deixando os pobres ainda mais pobres e os serviços que os atendem ainda mais desabastecidos.

A experiência da crueldade não é nova na humanidade. Ela se repete como um soluço. É a peste do homem contra o próprio homem (Torrano, 2023). A crueldade é vista, nesse aspecto, como desamparo social e como uma negação perversa da necessidade de segurança e proteção oferecida pelos dispositivos públicos geridos pelo Estado. O não dito se transforma em não visto e vitimiza.

Como a psicanálise se ocupa do mundo mental e, em geral, trata de indivíduos, casais e pequenos grupos, é fundamental diferenciarmos as situações de análise do social das experiências do divã. No caso das experiências em psicanálise clínica nas quais os sintomas individuais são tratados e compreendidos dentro de um funcionamento psíquico complexo, a análise vai se ocupar de dar destinos mais criativos a elas; mesmo que tais metas sejam falíveis, elas não devem ser corrompidas. No contexto do *setting* psicanalítico, o analista, para preservar sua função, precisa se afastar do julgamento moral e valorativo, de modo que seja capaz de analisar a complexidade que envolve o sujeito corrupto. Caso falar sobre a corrupção seja possível, o tema será tratado num contexto transferencial; tal contexto é a base da escuta psicanalítica. Podemos relatar alguns problemas éticos iniciais: o sigilo do psicanalista em relação ao conteúdo da análise de seu paciente, o já apontado vínculo transferencial, base da técnica, e o impedimento do analista de tornar públicas as atitudes de seu paciente. Vale ressaltar que a psicanálise busca a verdade e a saúde mental, e que não é função do psicanalista ser conivente com qualquer tipo de desumanidade, ainda que não seja possível publicar a corrupção que lhe é revelada nesse contexto. Caso contrário, o próprio analista já haveria se corrompido. Para manter a ética psicanalítica – que implica a função do psicanalista de analisar –, as transgressões sociais cometidas por seus pacientes serão analisadas, pontuadas e interpretadas, mas não julgadas ou denunciadas, pelo menos não pelo psicanalista. Dessa forma, a proposta deste artigo presta-se à psicanálise social, e não à psicanálise clínica (Minerbo, 2012).

Quase como uma profecia de Tirésias (profeta grego), pouca coisa mudou em relação ao que Freud (1930/2010) descreveu em *O mal-estar na civilização*: a cultura da corrupção e da exploração criou uma hostilidade e uma polaridade política e partidária que dividiram o povo brasileiro nos últimos pleitos das eleições presidenciais em partes competitivas que se odeiam e são incapazes de dialogar, deflagrando no povo sofrido traços e características dos sádicos e narcísicos governantes perversos. A capacidade de conversar com quem pensa diferente é um dos dispositivos imprescindíveis para a promoção da paz e da conciliação. Assim, há sintomas de esquecimento, mecanismos de defesa da negação e manutenção da violência, impedindo que haja a

ordem e o progresso do lema estampado na bandeira do Brasil e impossibilitando a união do povo em prol do bem comum e de escolhas mais saudáveis (Torrano, 2021).

Notícia correlata ao episódio de abandono de populações vulneráveis pode ser exemplificada por uma reportagem publicada no início de 2023: 5 mil Yanomami passam fome e “estima[-se] que, nos últimos quatro anos, 570 crianças Yanomami morreram de fome ou em decorrência de contaminação por mercúrio, por conta do garimpo ilegal. E mais cinco mil estão desnutridas ou passam fome” (Moreno, 2023, parág. 3).

Sigmund Freud (1921/2011) aponta que o fenômeno do pânico ocorre com as massas quando as ordens do superior ou do líder não são mais ouvidas e cada um passa a cuidar de si: “as ligações mútuas cessaram, e uma angústia enorme e sem sentido é liberada” (p. 50). Quem serão os líderes capazes de cuidar sem se beneficiar narcisicamente?

Será que a vulnerabilidade dos povos originários do Brasil se transformou desde que eles foram quase dizimados pelo colonizador, depois de sofrerem séculos de exploração? Por que alimentamos e nutrimos uma cultura e uma política que valoriza mais a vida de alguns do que a de outros? Perguntas sem respostas, mas com a função de angustiar e pontuar que compreender a maldade é tão complexo quanto compreender a bondade (Chuster & Trachtenberg, 2009).

Segundo Minerbo (2007), a lógica da corrupção “é aquela que faz com que um representante de uma instituição sustente simultaneamente duas lógicas contraditórias, a pública e a privada, resultando na corrupção de ambas as morais e na instituição da imoralidade” (p. 145).

Nos últimos anos, o Brasil vem acompanhando o que seria a imoralidade, uma série de escândalos envolvendo políticos em todo o território nacional. Os escândalos são, em sua maioria, bastante redundantes, uma vez que muitos se deliciam com vidas luxuosas que jamais seriam sustentadas pelos salários recebidos. Sabe-se que há uma legião de funcionários-fantasma e desperdícios de toda natureza.

A forma de corrupção mais habitual são as propinas e os benefícios concedidos a figuras de poder, que, por sua vez, favorecem empresas que prestam serviços a órgãos públicos. Os crimes dos corruptos foram denominados crimes de “colarinho-branco”, aludindo às roupas que não precisam se sujar com o suor do trabalho na terra, no asfalto das ruas e/ou nas estradas do país. São colarinhos engomados, pouco ou nada suados, metidos no conforto da sombra e do ar-condicionado dos gabinetes. São colarinhos-brancos de marcas famosas, que negligenciam poderes e deveres, fazendo o povo sofrer e desaparecer, condenando à extinção os ribeirinhos, os indígenas e os habitantes de áreas que sofrem com alagamentos, doenças e fome (Torrano, 2023).

O mito grego de Narciso, belamente recontado pelo colega psicanalista Roosevelt Cassorla (2021), lança importantes reflexões sobre o fenômeno da corrupção. Narciso nasceu de um abuso sexual: sua mãe Liríope, engravidou do deus-rio Céfiso. Quando Narciso nasceu, Liríope, ao se deparar com um bebê tão belo, assustou-se.

Precisava de ajuda, pois o excesso de beleza de seu filho era sinal de que algo não iria bem. Assim como todos os excessos eram condenados pelos gregos, a beleza de Narciso não fugiria à regra. Liríope foi consultar Tirésias, um sábio profeta cego, que poderia ser comparado ao bom psicanalista contemporâneo, aquele que consegue ver através dos tempos e das ilusões. Tirésias revelou a trágica profecia: Narciso morreria ao ver a própria imagem refletida no espelho. Liríope cercou Narciso de zelo e precaução para que ele não se visse refletido em nenhum espelho.

Sob o excesso de zelo de sua mãe, que, tomada pelo pavor da profecia da perda do filho, ficava presa numa repetição, num sintoma, o que também representava um problema, Narciso crescia com a sensação de ser especial, superior, completo e, portanto, era arrogante. A impressão de completude de Narciso fazia com que ele desmerecesse quem quer que fosse e, principalmente, quem quer que se apaixonasse por ele. Faltava-lhe um pai, faltava-lhe a intervenção de um terceiro que o separasse do corpo e dos cuidados demasiados de sua mãe Liríope. Narciso não sentia falta, não tinha angústia e não estava sujeito às leis da angústia da incompletude e da busca por ser amado.

Um dia, Narciso encontrou-se com a ninfa Eco. Ela era vítima de uma maldição que a fazia repetir os últimos sons que ouvia, maldição que havia recebido de Hera por distraí-la com histórias enquanto seu marido Zeus a traía com lindas mulheres. O ódio e a vingança de Hera aprisionaram Eco num sintoma obsessivo. Eco refletia os sons dos outros como castigo. Narciso, em vez de enxergar Eco, viu um reflexo de si mesmo num lago, pois, de tão calmo, esse lago transformou-se num espelho. Enebrio e tonto, Narciso se atirou na lagoa em busca da imagem daquele ser tão belo e afogou-se (Cassorla, 2021).

O aspecto fundante das perversões e das corrupções descende do narcisismo, que é incapaz de ver, ouvir e perceber o outro para além de si mesmo. No mundo mental do narcísico, o público não tem lugar, ele se funde no apaixonamento por si mesmo. Seus recursos de sedução, criação de realidades, invenção de mentiras e manipulação de dados, pois ele mereceria mais do que os outros, o fazem nutrir uma superioridade e uma arrogância de quem está para além do bem e do mal e acima da lei. A personalidade narcísica pode corromper e fazer uso daquilo que for preciso para seu próprio prazer e gozo. As perversões correspondem às patologias narcísicas que fazem sofrer o outro. Como pode haver ética e moral se não existe o outro?

“Ironicamente podemos dizer que a corrupção chegou em terras tupiniquins embarcada nas caravelas dos conquistadores portugueses, configurando um fenômeno transgeracional, referindo-se a um sintoma, que está estruturalmente no inconsciente do povo brasileiro, e cria relações que a alimentam” (Torrano, 2023, p. 90).

Segundo Morin (2005), a ética é um conceito amplo, pois depende de uma reflexão pessoal, enquanto a moral impõe condutas e normas compartilhadas por um grupo. A moral está no código do bem e do mal, do justo e do injusto, do certo e do errado. A ética está sempre em construção, pois contém o humano dotado da

complexidade. Pensando na perspectiva psicanalítica, a ética estaria para além da moral, porque envolveria o desejo do sujeito e sua implicação em seus atos, diferentemente da moral, que faz parte de um consenso e de um código social.

A etimologia da palavra ética deriva de dois termos gregos distintos: *êthos* e *ethós*. *Êthos* refere-se ao mundo interno do homem de onde surgem os atos, seu caráter; já o termo *ethós* refere-se aos hábitos e costumes de um grupo de homens que eram admirados e, portanto, estaria mais ligado à moral (Trachtenberg, 2022).

Ainda, segundo Trachtenberg (2022), “Deus e Satã não estão fora nem acima de nós: estão em nós. O melhor da bondade e o pior da maldade do mundo estão no ser humano” (p. 149).

Freud foi visionário em 1930 ao escrever *O mal-estar na civilização*, quando revelou que a existência de um código de leis não impede que sejam cometidos crimes. Alguns tipos de crime são os principais fatores que acentuam o sofrimento humano, como a crueldade, a inveja, a arrogância, a mentira e a tirania. Na colonização, vimos a imposição de uma soberania europeia que tiranizou culturas menos bélicas e mais frágeis. Em alguns países como o Peru, poucos povos originários não foram dizimados por pouco mais de uma centena de soldados espanhóis. Na globalização vemos que tais regimes se perpetuam. A saber, as nações mais ricas exploram os países pobres, subdesenvolvidos e, portanto, mais vulneráveis. O mesmo que ocorre no planeta ocorre em frações dele, como países, estados e cidades.

A corrupção parece também ter estruturado os mecanismos públicos de um país com dimensões continentais e dificuldades de lidar com as leis e com a justiça. Não é incomum vermos que as leis funcionam apenas para alguns. A corrupção é constituída de mecanismos perversos, da consolidação da mentira e da falsificação com a finalidade de obter benefícios individuais ou para um pequeno grupo ou bando. A herança geracional da corrupção vem sendo repetida por uma ética pervertida da moralidade, alimentando a imoralidade, enquanto seu funcionamento repetitivo e sintomático parece oferecer uma alta toxicidade e contaminação em massa de indivíduos e sistemas, como um vírus parasita que ataca seu hospedeiro, sugando-lhe a saúde (Minerbo, 2012).

Freud (1930/2010) afirma que, além da agressividade e da crueldade serem aspectos inerentes aos seres humanos, suas conseqüentes aplicações proporcionam prazer e satisfação. O desequilíbrio entre pulsão de vida e pulsão de morte, que faz prevalecer a crueldade e a violência, também ataca os vínculos afetivos e fecundos que promovem a criatividade e a saúde. Nesse contexto, tal desequilíbrio pulsional agride a potência criativa e fecunda e pode ser pensado como a impossibilidade de aprender com a experiência, sendo, portanto, impermeável à empatia. Essa operação negativa age na manutenção da superioridade e da arrogância. No artigo “Sobre a arrogância”, Bion (1957/1994) reedita o mito de Édipo, de forma a esclarecer e investigar a conexão entre curiosidade, arrogância e estupidez. Segundo o autor, tais características deflagram um desastre psicológico, pois, na prevalência da pulsão de morte, só pode prevalecer a arrogância.

Um dos resultados possíveis do desastre social causado pela arrogância é o abandono de humanos que não conseguem se defender, tratados com indiferença e crueldade, exacerbando um individualismo e uma forma de narcisismo de morte que impossibilita a convivência com o diferente e sustenta processos de aniquilamento e barbárie (Maia & Santos, 2022). Ao negligenciar e atacar suas origens, seus povos originários, sua fauna e sua flora, um povo também ataca seus pensamentos e a capacidade de amar. Metaforicamente é como se a mãe abandonasse seu bebê à própria sorte, sem provisão, tomada pelo narcisismo de morte que a impede de exercer sua função materna.

Arrogancia y corrupción: reflexiones sobre las herencias coloniales en el Brasil

Resumen: El presente texto se basa en los artículos sociales de Freud para ofrecer reflexiones sobre la herencia colonial en el Brasil –a partir de la llegada de las primeras expediciones marítimas portuguesas que ha sido propulsora de la corrupción en las esferas públicas gubernamentales como herencia de una cultura ancestral. Sigmund Freud señala que la crueldad es algo constitutivo del ser humano y está asociada a la prevalencia de la pulsión de muerte, y que la violencia social siempre tiene las distintas formas de dominio como un telón de fondo. En este contexto, podemos incluir a la crueldad en la perspectiva sociológica, lo que implica la aparición de violencias sociales sin aparentemente haber cualquier motivo. Este dispositivo de desigualdad y dominación provoca sufrimiento en los pueblos originarios y en las capas sociales más desprotegidas. La perversidad que se expresa bajo la forma de arrogancia opera en un orden en que algunos seres humanos creen que merecen vivir con más seguridad, salud y comodidades que los otros. Este funcionamiento perverso alimenta a la parte más triste y horrenda de la historia de la humanidad, marcada por genocidios y negligencias que se repiten por el hecho de ser síntomas estructurales del mecanismo social.

Palabras clave: psicoanálisis social, corrupción, arrogancia, crueldad, colonialismo

Arrogance and corruption: reflections on Brazil's colonial heritage

Abstract: Drawing on Freud's social texts, this article offers reflections on Brazil's colonial heritage—dating back to the arrival of the first Portuguese maritime expeditions—as a driving force behind corruption in governmental public spheres as an ancestral culture. Sigmund Freud points out that cruelty is constitutive of the human being and is associated with the prevalence of the death drive, with social violence having forms of domination as its backdrop. In this context, we can

include cruelty from a sociological perspective, which implies the emergence of social violence without any apparent reason. This mechanism of inequality and domination causes suffering for indigenous peoples and the most underprivileged social strata. Perversity, expressed in the form of arrogance, operates within an order in which some human beings believe they deserve to live with more comfort, health, and safety than others. This perverse functioning feeds the saddest and most horrific part of human history, marked by genocides and negligence that repeat themselves as structural symptoms of the social mechanism.

Keywords: social psychoanalysis, corruption, arrogance, cruelty, colonialism

Referências

- Barreira, C. (2015). Crueldade: a face inesperada da violência difusa. *Sociedade e Estado*, 30(1), 55-74. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922015000100005>
- Bion, W. R. (1994). Sobre arrogância. In *Estudos psicanalíticos revisados* (pp. 101-126). Imago. (Trabalho original publicado em 1957)
- Cassorla, R. M. S. (2021). Arrancando os olhos: reflexões sobre o negacionismo. *Jornal de Psicanálise*, 54(101), 35-55. <https://bit.ly/45fxT59>
- Chuster, A., & Trachtenberg, R. (2009). *As sete invejas capitais: uma leitura psicanalítica contemporânea sobre a complexidade do mal*. Artmed.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras completas: Vol. 10. O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (P. C. Souza, Trad.; pp. 13-123). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos* (P. C. Souza, Trad.; pp. 46-53). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Kaës, R. (2001). Introdução ao conceito de transmissão psíquica no pensamento de Freud. In R. Kaës, H. Faimberg, M. Enriquez, & J. J. Baranes, *Transmissão da vida psíquica entre gerações* (C. Berliner, Trad.; pp. 27-69). Casa do Psicólogo.
- Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano* (J. Oliveira, Trad.). Cobogó.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Maia, B. B., & Santos, M. A. (2022). Crueldade: a máscara do tirano. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(1), 117-132.
- Minerbo, M. (2007). A lógica da corrupção: um olhar psicanalítico. *Novos Estudos Cebrap*, (79), 139-149. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300007>
- Minerbo, M. (2012). Corrupção, poder e loucura: um campo transferencial. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 46(1), 162-169. <https://bit.ly/3XU2kNv>
- Moreno, S. (2023, 21 de janeiro). Mais de cinco mil indígenas do povo Yanomami passam fome. *Agência Brasil*. <https://bit.ly/3WudfN8>
- Morin, E. (2005). *O método 6: ética* (J. M. Silva, Trad.). Sulina.
- Pina, A. C. F. P. (2021). *Dinâmica psíquica familiar de adolescentes com obesidade* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo]. Biblioteca digital de teses e dissertações da USP. <https://bit.ly/3URfzf5>

- Torrano, L. M. (2021). O mal-estar contemporâneo, sentimento oceânico e humanidade. *Berggasse 19*, 11(1), 72-85. <https://bit.ly/3zFOlel>
- Torrano, L. M. (2023). O egoísmo a corrupção e a peste do homem contra o próprio homem. In P. R. Coelho Netto, *2020: o ano que não existiu: a pandemia de verde e amarelo* (pp. 85-94). Life.
- Trachtenberg, R. (2022). O lado oculto da lua: alguns pensamentos sobre pontes, cesuras e ética complexa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 56(2), 143-163.

Luciana Marchetti Torrano

Endereço: Rua Carlos Rateb Cury, 500, casa 18, Bonfim Paulista. São Paulo/SP.

CEP: 14029-090

Tel.: (16) 98113-3913

E-mail: lucianamarchettitorrano@gmail.com